

A MODALIZAÇÃO EM REPORTAGENS JORNALÍSTICAS

Regina Souza Gomes*

Introdução

No texto jornalístico, a ilusão de estarmos em constante sintonia com os acontecimentos do mundo mascara a percepção de que, embora tomadas como os fatos em si, as notícias e reportagens não são mais que *relatos* dos eventos, ou seja, uma interpretação de quem os relata, sob certo ponto de vista, determinados por uma perspectiva social e política específica. O jornalista Nilson Lage, no livro *Estrutura da notícia*, denuncia esse caráter subjetivo das narrativas jornalísticas:

O universo das notícias é o das aparências do mundo; o noticiário não permite o conhecimento essencial das coisas, objeto do estudo científico, da prática teórica, a não ser por eventuais aplicações a fatos concretos. Por detrás das notícias corre uma trama infinita de relações dialéticas e percursos subjetivos que elas, por definição, não abarcam. (Lage, 1999, p. 22)

* Docente de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O leitor, então, motivado por um desejo de informação (um querer saber), é aprisionado, entretanto, por um dever crer: é a condição necessária para tornar as narrativas e imagens em relatos e retratos de acontecimentos. A construção da credibilidade pelo jornal, por um lado, e a confiança do leitor, por outro, são, então, facetas de um acordo tácito, primordial para a existência do próprio discurso jornalístico. Para que isso ocorra, o jornalista deve obedecer a determinadas convenções ao relatar os fatos. Assim, além do emprego da 3ª pessoa, da voz passiva e de outros recursos gramaticais que também simulam o afastamento do sujeito, os julgamentos, quando ocorrem, devem ser balizados por informações precisas de dados, resultados de pesquisas que os sustentem. Da mesma forma, a imparcialidade é sublinhada pelo espaço dado a várias vozes discordantes, que representam diferentes visões e interpretações dos fatos narrados. Nilson Lage, no mesmo livro citado anteriormente, ao listar alguns procedimentos lingüísticos para a escritura do relato jornalístico, diz que não basta que a notícia seja verdadeira, “é preciso *parecer*” verdadeira. (Idem, p. 26).

Percebe-se, dessa maneira, que a objetividade e a imparcialidade que caracterizam o discurso jornalístico são construções textuais, efeitos de sentido obtidos através do emprego de determinados recursos discursivos (como os citados anteriormente). Segundo a fala dos profissionais da área, verificável nos manuais de estilo, em artigos metalingüísticos publicados nos próprios jornais ou na literatura especializada, os traços de subjetividade que constituem esse tipo de discurso devem ser camuflados, devem tornar-se velados para não ameaçar a credibilidade do texto.

A construção desse distanciamento do sujeito que enuncia e do parecer verdadeiro do discurso enunciado não passam, então, de simulacros, como dissemos, já que ao produzir o enunciado, o enunciador necessariamente deixa suas marcas disseminadas pelo discurso, ou seja, a enunciação, entre outros procedimentos, “deitiza e modaliza o enunciado” (Fontanille, Zilberberg, 2001, p. 252), deixando pistas recuperáveis pela análise.

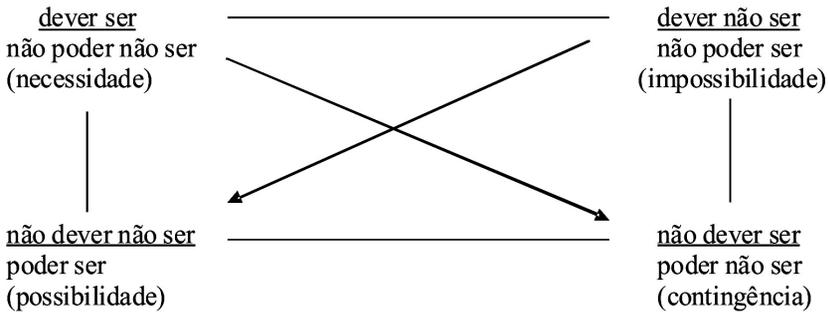
Analisando duas reportagens de uma mesma página de *O Globo*, publicadas em 06/08/07 (seção *O Mundo*, p. 22), *EUA dizem ter matado líder terrorista* e *Sobreviventes do Holocausto contra Olmert*, ob-

servaremos um desses recursos de presença da enunciação no enunciado, a modalização, considerada sob os aspectos semântico-discursivos, identificando seu papel argumentativo e os efeitos de sentido produzidos pelo emprego desse recurso no âmbito global do texto.

As modalidades são aqui consideradas como marcas da enunciação no enunciado, ou seja, a variedade de atitudes, posicionamentos, julgamentos, modulações afetivas do sujeito da enunciação em relação ao seu dizer e ao dito, manifestada na língua por diferentes estruturas lexicais, morfológicas e sintáticas. Da perspectiva sintática, pode-se considerar como “a produção de um enunciado dito modal que sobredetermina um enunciado descritivo” (Greimas, Courtés, s.d., p. 282). Levamos em conta a ocorrência das sobredeterminações modais em relação à própria enunciação, ao enunciado e aos dizeres invocados e projetados em discurso pelo narrador instaurado pelo sujeito da enunciação.

O quadro teórico-metodológico no qual se fará a análise é o da teoria semiótica de linha francesa, que opera com categorias e estruturas invariantes capazes de abarcar e explicar a variabilidade de manifestação das modalidades na língua e sua complexidade. A teoria permite, portanto, analisar tanto as estruturas modais mais simples (podendo ser concretizadas na língua, sintagmaticamente, pelos já conhecidos verbos modais) quanto as mais complexas, manifestadas em condensação, pela lexicalização dos efeitos de sentido passionais fruto das sobreposições das estruturas modais básicas (Greimas, 1976, Greimas, Fontanille, 1993; Fontanille, Zilberberg, 2001).

Tomaremos como base de análise, do ponto de vista paradigmático, a projeção das estruturas modais elementares (dever, poder, querer e saber) no quadrado semiótico, permitindo observar as correspondências, contradições e contrariedades que podem ser estabelecidas entre as modalidades, como pode ser visto no quadro abaixo. Do ponto de vista sintagmático, consideramos a possibilidade de sobredeterminação dos dispositivos modais e a ocorrência de arranjos modais que explicam a dimensão afetiva dos textos. (Fiorin, s/d, Barros, 1988). Na análise, também são considerados fenômenos como a aspectualização e a graduação (intensidade) que incidem sobre os elementos modais, o que contribui para a constituição dos efeitos de natureza cognitiva e afetiva.



Para a teoria semiótica, as modalidades podem ser vistas no âmbito de uma teoria da narrativa (no nível narrativo de geração do sentido dos textos) que as toma como pré-condições das ações do sujeito, podendo estar explícitas ou implícitas. Num enunciado simples como “Congresso aprova orçamento da Defesa”, retirado de uma das reportagens, a ação descrita comporta, pressuposta e necessariamente, etapas anteriores em que os sujeitos, concretizados pelos congressistas, tenham sido manipulados por um *querer* ou *dever* aprovar o orçamento e tenham sido dotados de um *saber* e um *poder* votar por essa aprovação, sobredeterminados por um *crer* (*querer* ou *dever*, *saber* e *poder*).

No nível discursivo, as modalidades podem se apresentar, do ponto de vista sintático (não gramaticalmente falando, mas na perspectiva das relações transitivas de categorias semânticas), como uma marca da enunciação no enunciado, como já dissemos. Sendo um enunciado hiporotático, o enunciado modal determina outro, imprimindo no discurso um foco (abrindo possibilidades imaginárias de tramas), uma intencionalidade (uma direção argumentativa, portanto). (Fontanille, Zilberberg, 2001, p. 247-248; 251-252)

As modalidades, no entanto, não afetam apenas as relações transitivas entre enunciação e enunciado ou enunciador e enunciatário; podem também concretizar-se nas paixões, que são os efeitos de sentido produzidos pelos dispositivos modais provisórios, com suas compatibilidades e incompatibilidades. Na semântica discursiva, estudam-se, então, os pa-

péis modais e passionais assumidos pelos sujeitos do discurso, que se organizam em percursos modais e patêmicos, podendo figurativizar-se em comportamentos, atitudes, emoções observáveis, como veremos nas análises dos textos.

Textos jornalísticos, modalização e estatuto veridictório

A primeira reportagem, *Sobreviventes do Holocausto contra Olmert* (Texto 1), trata de uma manifestação nas ruas de Jerusalém para “protestar contra a política de assistência do primeiro-ministro de Israel, Ehud Olmert, para os mais de 240 mil sobreviventes do Holocausto, residentes no país”. A segunda, *EUA dizem ter matado líder terrorista* (Texto 2), noticia o anúncio do governo americano de haver matado al-Badri, acusado de atentado terrorista contra a Mesquita dourada de Samarra, além de outras informações sobre a política dos EUA no Iraque.

Nos dois textos, apesar dos procedimentos para produzir o efeito de objetividade e neutralidade próprios do discurso jornalístico, como comentamos, é possível perceber, a partir dos procedimentos de modalização, um posicionamento do enunciador (um foco) e uma intencionalidade traduzida pela orientação argumentativa construída no texto. Serão apontados os recursos empregados para modalizar os enunciados assumidos pelo narrador e as falas por ele projetadas assim como os arranjos modais responsáveis por imprimir aos relatos um acento afetivo ou passional. Os elementos aspectuais e intensivos que sobredeterminam os modais também serão analisados, pois são importantes na construção do enunciador / enunciatário em relação ao enunciado.

No primeiro texto, percebe-se a predominância da crença do narrador nos fatos narrados, que são apresentados como certos e verdadeiros, tanto quanto a confiança nos sujeitos que constituem a trama, atores que se embatem no enunciado em busca de um mesmo valor, de cunho financeiro. A crença e a confiança são efeitos produzidos pela modalização epistêmica (um crer ser) que recai, no primeiro caso, nos objetos (a carência dos sobreviventes, as dificuldades econômicas, por exemplo), tornando-os credíveis, e, no segundo caso, nos sujeitos (os sobreviventes do Holocausto e as autoridades, por exemplo) e seu dizer, tornando-os

confiáveis. Essa crença e essa confiança não são, entretanto, constantes e absolutas, como veremos. Mesmo o discurso sendo marcado por dúvidas, desconfianças e incertezas locais, a orientação modal predominante aponta para um posicionamento acentuadamente favorável a um dos sujeitos que se opõem no texto, figurativizado pelos manifestantes.

Um recurso gramatical empregado reiteradamente para dar ao texto esse caráter é o modo indicativo dos verbos, com apenas uma exceção, no sexto parágrafo, (*morram*). O modo indicativo é uma forma gramatical de expressar o saber ser (o verdadeiro) ou o crer ser (a certeza) em oposição ao subjuntivo, que manifesta um não saber ser (hipótese), um saber não ser (ilusório, irreal) e um crer não ser (descrença). Somente em algumas passagens, bem pontuais, emprega-se o futuro do pretérito, expressando a modalidade epistêmica de valor hipotético (um não saber ser) ou mesmo significando, metaforicamente, dúvida, descrença (um não crer ser ou crer não ser), em relação à informação dada, como ocorre nas passagens:

Na última quarta-feira, o governo anunciou a inclusão de 130 milhões de shekels (US\$30 milhões) no orçamento de 2008 para o auxílio aos sobreviventes, que seria aumentado gradativamente nos próximos três anos. Organizações de defesa dos direitos humanos recusaram a proposta, que aumentaria a renda mensal de cada um em apenas 83 shekels (cerca de US\$20 dólares) por mês.

Outros manifestantes *acusam* o governo israelense de apostar na “solução biológica”, que *seria* a de não tomar providências até que os idosos morram.

O ministro da Previdência, Rafi Eitan, *sugeriu* um plano alternativo que *daria* entre mil e 6 mil shekels de ajuda mensal aos idosos, de acordo com a situação de cada um. A proposta *será* estudada nos próximos dias pelos ministérios do Bem-Estar Social, das Finanças e pelo premier Ehud Olmert. (Os grifos são nossos)

Na primeira passagem transcrita, ocorre verbo no futuro do pretérito, *seria*, no lugar de um futuro do presente, considerando que o momento de referência é concomitante ao da enunciação, como se pode comprovar pelos adjuntos adverbiais *na última quarta-feira* e *nos próximos três anos*, em que os adjetivos *última* e *próximos* têm um papel enunciativo. Já a forma verbal *aumentaria*, que nesse caso implica posterioridade em relação a um tempo pretérito (manifestado pelo verbo *recusaram*), próprio de seu emprego sistemático, apresenta, de qualquer forma, como aponta Fiorin (1996, p. 160), “na maior parte das vezes, o caráter de antecipação imaginária”, adquirindo “um valor hipotético”. Esse mesmo emprego pode ser verificado na última passagem.

Na segunda passagem, há o emprego do futuro do pretérito pelo presente, manifestando, também, um valor modal hipotético ou dubitativo em relação ao conteúdo expresso pelo enunciado como um todo, não apenas quanto à definição do termo, já posto entre aspas de modo a manifestar uma postura de distanciamento do enunciador em relação à fala do outro não determinado (*outros manifestantes*), reforçando a modalização por um não crer ser.

Diferentemente, na outra reportagem (Texto 2), há uma alternância entre enunciados modalizados como certos, verdadeiros, e enunciados modalizados como hipotéticos, incertos, ou mesmo mentirosos, como se pode perceber nas passagens a seguir:

O ataque contra o templo, um dos locais mais sagrados para os xiitas iraquianos, *deixou* 180 mortos e *iniciou* a pior escalada de violência sectária no Iraque desde a invasão americana em 2003.

Em Bagdá, um bombardeio com morteiros *matou* pelo menos 11 pessoas de madrugada. A polícia *anunciou* ter encontrado 21 corpos jogados pela cidade durante a noite, além de outros 80 em Baquba.

Entre os integrantes da al-Qaeda que *teriam sido* capturados nos últimos dias *estariam* os líderes locais de Samarra e de Tikrit, cidade natal de Saddam Hussein.

Washington *tenta passar a imagem* de uma campanha vitoriosa contra os sunitas da al-Qaeda no Iraque, principalmente em Salahuddin, que engloba cidades e vilas no vale do Rio Tigre ao norte de Bagdá.

Líderes políticos iraquianos se *encontrarão nos próximos dias* para tentar salvar uma coalizão governamental que *deveria* ajudar a amenizar a violência sectária, mas *não foi capaz* até o momento de criar e aprovar as leis consideradas pelos EUA vitais para a reconciliação. (Os grifos são nossos)

Nas duas primeiras passagens, que relatam os ataques terroristas, o emprego do modo indicativo nos verbos exprime a modalidade epistêmica da certeza, produzindo o efeito de sentido de verdade e realidade aos enunciados. Na terceira e na última passagens citadas, o emprego do futuro do pretérito simples ou composto (pelo pretérito perfeito, em *teriam sido*, e pelo pretérito imperfeito em *estariam*), como na reportagem anterior, torna os conteúdos veiculados pelos enunciados duvidosos, hipotéticos.

O emprego de certos substantivos, verbos, adjetivos e certas construções sintáticas também vão cumprir esse papel de modalizadores. No caso das passagens anteriormente citadas, esses elementos podem ser pistas do julgamento efetuado pelo narrador em relação aos eventos narrados, explicados pelas modalidades veridictórias, articulando-se pelas categorias básicas *ser e parecer*. É o caso da quarta passagem, em que o emprego da expressão “tenta passar a imagem de uma campanha vitoriosa contra os sunitas da al-Qaeda no Iraque” demonstra que o narrador considera a vitória americana no Iraque como mentirosa (parece ser mas não é verdadeira). O emprego do verbo *tentar* denota uma conjugação complexa das modalidades volitiva (um querer ser) e epistêmica (um saber não ser e um não saber ser), adiando a realização da ação, numa espera tensa, construindo a imagem do actante do enunciado (governo americano) como um sujeito incompetente, mesmo modalizado pelo poder fazer, tornando, portanto, seu fazer inócuo. Da mesma forma, as ações dos atores “líderes políticos iraquianos”, na última passagem citada, também apresentam essa falta modal que torna improvável (crer não dever

ser, segundo a perspectiva do narrador) amenizar a violência e promover a reconciliação no país tanto pelo recurso do emprego do lexema *tentar*, já descrito, quanto pelo uso do adjetivo *capaz*, determinado pela negação (*não foi capaz, até o momento, de...*) e pelo emprego do futuro do pretérito em *deveria*.

Também sobre as falas dos actantes do enunciado, projetadas pelo narrador, em discurso direto, indireto ou mesmo por alusão, incidem os julgamentos e posicionamentos da enunciação. No Texto 1, a escolha dos verbos elocutivos (*reivindicar, reclamar, cobrar*), imputados ao dizer dos sujeitos figurativizados como sobreviventes do Holocausto, apresentam, recorrentemente, em sua significação, uma combinação das modalidades querer ser, dever ser e saber não ser, baseada na crença de um dever fazer do sujeito antagonista (autoridades, governo israelense, no texto). O objeto-valor que se busca alcançar é mostrado, assim, como desejável, indispensável e legítimo. O seu emprego faz pressupor, portanto, que o narrador crê ser verdadeiro e necessário o protesto realizado pelos sobreviventes.

Além dessa escolha lexical, percebe-se que o narrador, ao projetar em discurso direto a fala de um sobrevivente, antecipa-a pelo discurso indireto, assumindo como verdadeiro o seu dizer, que é assimilado pelo próprio narrador, como se percebe na passagem a seguir:

Sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, o pensionista tcheco Zvi Shafir, de 78 anos, *disse* se sentir insultado com a proposta do governo. Após perder toda a família durante a Segunda Guerra Mundial, emigrou para Israel em 1946 e lutou na Guerra da Independência do país, em 1949. Ele *conta* ter a sensação de *ter que pedir perdão* por ter sobrevivido ao horror nazista.

– É uma vergonha o que está se passando. Sobrevivemos e *parece que temos que pedir perdão* por isso. [...] (Os grifos são nossos)

No primeiro período da citação, observa-se a ocorrência do verbo *dizer*, introduzindo o conteúdo da fala do sujeito discursivizado como Zvi

Shafir, transposto nas palavras do narrador, para depois, no período seguinte, já não vir marcada pelo verbo elocutivo. É a jornalista que narra os acontecimentos da vida da personagem, assumidos na sua fala como verdadeiros, pois não há distanciamento marcado entre o dizer da testemunha e seu dizer. A seguir, antecipa o que será dito em discurso direto pelo tcheco, o que corrobora seu julgamento do relato da testemunha como verdadeiro.

Essa confiança demonstrada pelo narrador do Texto 1 no dizer da testemunha que serve de comprovação das informações veiculadas não se verifica no Texto 2. Na passagem “Autoridades americanas e iraquianas *anunciam* com frequência ter matado ou prendido membros importantes da al-Qaeda, *mas é difícil* precisar o papel real desempenhado por qualquer indivíduo na organização terrorista.”, a fala dos sujeitos inscritos no texto como actantes do enunciado (no discurso, autoridades americanas e iraquianas) é posta em dúvida pelo narrador, empregando para isso uma construção adversativa. Ao usar o operador argumentativo *mas* para introduzir o segmento seguinte ao anúncio das autoridades supracitadas no enunciado, orienta para conclusão contrária ao seu dizer. Modalizando a oração seguinte pela expressão *é difícil*, o narrador coloca sob suspeita a veracidade da totalidade do dizer das autoridades (crer não dever ser), considerando-as incompetentes (não saber) para identificar os verdadeiros “membros importantes da al-Qaeda”.

Com exceção do relato dos ataques terroristas ou do relato sobre o encontro de líderes políticos iraquianos, as outras informações dadas no texto estão sempre marcadas pela introdução dos verbos elocutivos. De modo geral, essas informações dizem respeito à atuação americana na luta contra o terrorismo, com o anúncio de captura ou morte de líderes de organizações terroristas. Essa preocupação em estabelecer reiteradamente uma fronteira entre o dizer do narrador e o dos actantes autoridades americanas e iraquianas, além do emprego de outros recursos já analisados (o emprego do futuro do pretérito, por exemplo), leva a concluir que o narrador se exime da responsabilidade do conteúdo das falas desses sujeitos, considerando-o duvidoso, improvável ou mesmo mentiroso.

Outro dado importante, ressaltado na comparação entre as notícias, diz respeito à escolha enunciativa pela projeção da fala dos actantes

por meio do discurso direto, possibilitando a expressão subjetiva dos afetos e das paixões que movem esses sujeitos. No Texto 1, há uma longa reprodução da fala de um dos manifestantes, em que se pode perceber diversos procedimentos de ênfase argumentativa (perguntas retóricas, frases de efeito) e de expressão passional:

– É uma *vergonha* o que está se passando. Sobrevivemos e *parece que temos que pedir* a Olmert *perdão* por isso. *O que posso comprar com o dinheiro que ele propõe? Uma aspirina?* Gasto mais de US\$ 600 por mês somente em remédios. Lutei pela construção deste país e todas as economias que tinha foram embora com medicamentos. Tudo o que *queremos é aproveitar o tempo que nos resta*. Assim como no Holocausto, *não nos permitem morrer com dignidade* em Israel hoje em dia. Sobrevivemos uma vez, mas agora *não estamos mais conseguindo* – *lamentou*. (Os grifos são nossos)

Modalizações deônticas, volitivas, veridictórias, epistêmicas e suas combinações complexas permeiam toda a fala, dando-lhe um tom intenso e dramático. Ao contrário, no Texto 2, apenas uma pequena fala, a do porta-voz do Exército americano, Mark Fox, é projetada em discurso direto, demonstrando um ponto de vista não assumido pelo narrador, conforme vimos:

– Eliminar al-Badri é outro passo na eliminação da espiral de violência. Continuaremos buscando os terroristas que tentam criar no Iraque um Estado nos moldes do regime talibã – afirmou Fox.

Além desses recursos, há nos textos a presença de unidades lexicais que condensam arranjos modais, produzindo efeitos de sentido passionais e afetivos, explicando mesmo estruturas narrativas e discursivas concessivas e aparentemente contraditórias. Nas narrativas jornalísticas, esses lexemas são empregados com parcimônia, o que não significa que estão ausentes das narrativas noticiosas. No texto 1, por exemplo, o enun-

ciado a seguir apresenta lexemas que exprimem tanto um posicionamento afetivo tanto do narrador quanto do actante do enunciado em relação aos eventos narrados:

O ato *dramático chocou* o primeiro-ministro de Israel, Ehud Olmert, que decidiu convocar uma reunião de emergência com as entidades representantes dos direitos dos sobreviventes.

O adjetivo *dramático* modaliza o substantivo *ato*, tomado como um objeto indesejável, intolerável, exprimindo, no julgamento do narrador, a combinação de modalidades volitivas e epistêmicas (querer não ser, saber ser). O verbo *chocou* modaliza o sujeito concretizado no texto como *primeiro-ministro de Israel* por um não querer ser e um saber ser abrupto.

No Texto 2, encontra-se o adjetivo *pior*, na passagem “pior escalada de violência sectária no Iraque desde a invasão americana em 2003”, que modaliza o enunciado por um querer não ser e um crer ser, sobre-determinado por uma intensidade crescente. No entanto, apesar da escassez de lexemas que expressam paixões, é possível interpretar, pela inter-relação dos diversos procedimentos de modalização, a construção do papel temático de actantes do enunciado. O sujeito figurativizado como governo americano, que, segundo o texto, desde 2003 procura alcançar, como objeto-valor, a vitória contra o terrorismo e a violência no Iraque, mesmo não sendo bem sucedido, não abandona o seu intento. Constrói-se, então, a imagem de um actante obstinado, quase inconseqüente, que não sabe fazer, mas insiste, modalizado por um querer ser e por um crer dever fazer intensos, fazendo durar, indefinidamente, a busca.

Ao contrário, no Texto 1, a crença na necessidade da melhoria no auxílio dado aos sobreviventes do Holocausto, considerado um objeto desejável e legítimo, e a interpretação das suas condições de vida como intoleráveis faz com que o fazer se torne urgente e antecipado, como se pode perceber pelo emprego dos lexemas e das expressões grifadas nas passagens: “cobrando [os manifestantes] uma ação *imediate* para melhorar as condições de vida dos idosos”; “os sobreviventes do Holocaus-

to *não têm tempo a perder*”; “[Olmert] decidiu convocar uma reunião de *emergência* com as entidades...”.

Modalização e argumentação

Como se pôde ver, os procedimentos de modalização acabam por marcar no discurso os julgamentos e posicionamentos do sujeito, construindo uma direção argumentativa e indicando um modo de ler o texto e ver os fatos que enuncia. Faz crer nas verdades assumidas pelo enunciatador, buscando sua adesão aos valores transmitidos, mesmo se tratando de um texto jornalístico, caracterizado pela busca da neutralidade e objetividade, segundo recomendação da própria literatura especializada.

No Texto 1, o narrador, sutilmente, toma partido dos manifestantes, fazendo com que o narratário creia no drama vivido pelos sobreviventes judeus e na necessidade de liquidar suas carências. No embate dos manifestantes, apresentados como protagonistas, contra as autoridades israelenses, seus antagonistas, a oposição entre os actantes não se mostra tão profunda assim. Afinal, o primeiro-ministro se sensibilizou com o ato e o ministro da Previdência já sugere um plano alternativo a ser estudado “nos próximos dias”, minimizando o conflito.

No Texto 2, o posicionamento do narrador vai sendo construído por meio do distanciamento que vai impondo entre o seu dizer e o das autoridades americanas e da disseminação de marcas que levam o narratário a desconfiar da eficiência das ações dos EUA no Iraque. Esse ponto de vista, mostrado em todo o texto, é atenuado pela co-presença de outra notícia tematicamente associada a essa, com a seguinte manchete, em letras menores: “Republicanos defendem permanência de tropas”. Nessa notícia, abriu-se espaço, em discurso direto, para a fala de vários políticos americanos que defendem a permanência americana no Iraque, construindo o efeito de neutralidade. Curiosamente, no entanto, vários procedimentos ainda fazem essas falas serem lidas com reserva. Há o emprego das aspas, marcando os limites da fala do outro no fio do discurso, há as contradições e a manifestação, nos depoimentos, da obstinação e demonstração inconseqüente de poder que já tinham sido atribuídas ao governo americano na reportagem analisada anteriormente.

Dessa forma, a modalização mostra-se um eficiente recurso de orientação argumentativa, delimitando, no discurso jornalístico, apesar de sua natureza supostamente neutra e imparcial, as fronteiras entre os eventos nos quais se deve crer e aqueles dos quais se deve duvidar, desvelando segredos e mentiras, fazendo saber quais valores devem ser assumidos e quais devem ser rejeitados.

Conclusão

Mais que contribuir para a constituição de uma orientação argumentativa dos textos, a modalização permite apreender a própria identidade dos sujeitos partícipes da enunciação, que se mostram como crédulos, cautelosos, desconfiados, reservados etc.

Ao projetar um narrador crédulo e confiante, no Texto 1, quase indignado com as condições de sobrevivência dos manifestantes, actantes do enunciado, o enunciador conta com um enunciatário capaz de se sensibilizar com a situação descrita, tomando-a, tal qual o narrador, como um “ato dramático” e desesperado.

No Texto 2, ao contrário, é um narrador cauteloso, reservado e desconfiado que é construído no enunciado. O narrador, ele mesmo modalizado por um dever ser imparcial, simula apresentar os fatos de mais de um ponto de vista, instaurando uma distância entre a visão dos fatos assumida pelos actantes do enunciado, veiculada por meio das falas delegadas no discurso, e sua própria voz. Mas, ao marcar esses limites e eximir-se da responsabilidade desse dizer delegado, o narrador faz pairar sobre ele a dúvida e já conta com um narratário crítico, cético, não mais disposto a deixar-se enganar pelas versões e justificativas dos interlocutores que representam as autoridades americanas no texto.

Enfim, a explicitação dos procedimentos de modalização, intrínsecos ao próprio ato da enunciação, e sua interpretação são fundamentais, como vimos, para compreender a discursivização dos enunciados e a produção dos sentidos dos textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.
- GREIMAS, A.J. Pour une théorie des modalités. *Langages* 43. Paris : Didier-Larousse, 1976, p. 90-107.
- FIORIN, José Luiz. *Modalização: da língua ao discurso*. Cópia xerográfica. [s.d.].
- FONTANILLE, Jacques, ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editoria, Humanitas, USP: FFLCH, 2001.
- GREIMAS, A.J., FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.
- KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1993.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1999.

Resumo:

O objetivo desse trabalho é analisar os aspectos semântico-discursivos das construções modais presentes em duas reportagens publicadas em *O Globo* (06/06/07), observando seu papel argumentativo e efeitos de sentido no âmbito global do texto.

Abstract:

The aim of this study is to analyze the semantic-discursive aspects of modal constructions present in two reports published in *O Globo* (06/06/07), noting its role argumentative and effects of sense in the overall framework of the text;

Palavras-chave: modalização, semiótica, texto jornalístico.

Key-words: modalization, semiotics, text journalistic.